

A leitura antropológica pelo humor *stand up*

Frederico Fonseca Soares

Recebido em 23.02.2012

Aprovado em 18.05.2013

Resumo: Historiadores como Elias Thomé Saliba acreditam que o humor brasileiro é o reflexo da falta de identidade do Brasil, contudo o presente trabalho sugere que depende do tipo de humor que se avalia para perceber uma identidade nacional, o humor industrializado e feito para o consumo massivo, como “Zorra Total”, “A praça é nossa”, “Pânico na TV” e outros, realmente não são caracterizados por trazerem em si uma crítica, qualquer que seja. São reproduções da estupidez humana. Em contrapartida, o humor produzido pela comédia *stand up* encena uma análise refinada da sociedade e expõe verdades ocultas de uma cultura sob o véu da comicidade. A proposta é perceber o humor *stand up* como uma possível linha teórico-metodológica da Antropologia, sendo uma eficiente ferramenta antropológica capaz de trazer à luz características socioculturais de difícil percepção. **Palavras-chave:** humor, *stand up comedy*, metodologia de pesquisa

480

Introdução

O humor pode ser pensado, também, como uma percepção subjetiva, própria do indivíduo e não social. Contudo, para ter sentido, ou graça, o humor tem de, além de estar na mesma ordem temporal, ser totalmente vinculado a um contexto cultural/social específico. O *stand up* é a forma caricata do cotidiano, e essa caricatura é o código que encobre a vergonha de exteriorizar pragmaticamente as inquietações momentâneas da sociedade. Segundo o professor Christie Davies, a piada é uma forma de dizer coisas proibidas, ou uma maneira de exteriorizar coisas que as pessoas sentem vergonha de dizer abertamente. A necessidade catártica é imanente ao ser humano. Exteriorizando as angústias, o indivíduo encontra alívio e até a cura de certas enfermidades psicopatológicas, como a “cura pela fala”, tão praticada nas clínicas de psicanálise.

É pelo humor *stand up* que este trabalho busca provar que se pode esquadrihar um contorno cultural difícil de ser percebido

superficialmente por outros métodos antropológicos; a prerrogativa é que esse tipo de humor revela informações íntimas da cultura "ironizada". O *stand up comedy* exige esforço etnográfico dos humoristas, justamente por utilizar-se dos materiais culturais disponíveis no seu cotidiano social para confeccionar suas piadas. O comediante *stand up* Léo Lins (2009) afirmou que a piada é um produto individual, não existe um comércio de piadas, e tais piadas não devem ser repetidas ou compartilhadas por outro humorista, ou ser de conhecimento público. Isso força, além de um pensamento e uma análise criativa e crítica, uma regionalização, conseqüentemente, um olhar sobre culturas específicas para ter sentido onde são apresentados os espetáculos de humor, ou, como mais manifesto, para montar paralelos comparativos com outras culturas e, sobre essas diferenças, confeccionar piadas e não apenas confrontos de pontos de vista.

Os despreziosos esforços deste trabalho em edificar uma linha teórico-metodológica da Antropologia vêm se aproveitar do momento da alta ocorrência de espetáculos de humor de *stand up* e dos novos humoristas que compõem essa modalidade de humor, na qual não se utilizam de efeitos especiais/tecnológicos, ou fantasias, nem cenários, apenas um microfone para realizar um monólogo, com piadas, casos, tiradas e, principalmente, observações sociais do cotidiano. E é por meio dessas observações próprias do humorista, que envolvem o público e por estar em acordo com o contexto social e com a temporalidade, que o pesquisador pode decodificar a mensagem desse discurso cômico para confeccionar um delineamento da cultura, objeto de sua pesquisa, percebendo os mais profundos tabus, mitos, medos, alegrias, ou qualquer sentimento que construa o cenário cultural vivido pelo humorista e compartilhado pelos espectadores que legitimam o discurso em forma de risadas. Nesse sentido, o trabalho galga a possibilidade da observação do humor como um saber científico das Ciências Humanas e Sociais.

O referencial teórico se fundamenta na afirmativa de Laplantine (2007) - as piadas contadas numa determinada cultura têm muito a revelar e esclarecer sobre seus vários aspectos simbólicos. "As produções simbólicas são simultaneamente produções sociais que sempre decorrem de práticas sociais. Não devem ser estudadas em si, mas enquanto representações do social" (LAPLANTINE 2007, p.116).

Humor certamente não é antônimo de verdade ou credibilidade, o humor ou o cômico podem aclarar angústias, medos, incômodos e indisposições sociais, como disse Saliba (2002 p. 29) "a representação humorística é uma epifania da emoção". O humor *stand up* pode ser credível e aplicável, provar isso é o objetivo deste trabalho.

Metafísica do humor

“O humor não é um estado de espírito, mas uma visão de mundo” (SALIBA *apud* Wittgenstein, 2002 p. 15). O humorista *stand up* tem a capacidade de se admirar e se espantar com o trivial, como se tudo fosse novo, esquadrinhando os fatos sociais de forma analítica sem que estes se enevoem aos olhos por serem comuns ou rotineiros. Como na metafísica aristotélica, a busca da coisa como ela é em sua profundidade e não como se apresenta superficialmente, é relatado por meio de uma linguagem satírica. O humorista se admira e se espanta com o trivial, com o prosaico, com o cotidiano, porque existe alguma coisa em vez de nada ou de outra, e a explicação, às vezes hiperbólica, produz a comicidade. É metafísica porque abarca toda a existência percebida por ele, ou o “ente” qualquer coisa que existe. A metafísica do humor vence o olhar do cotidiano e enxerga a realidade por meio de outra ótica, a satírica. O importante é buscar a verdade, tentar conhecer a realidade, não alterar algo, que continuará inalterado; o intento é buscar o conhecimento por um novo prisma, uma nova paralaxe, o que vem do mais refinado alvitre do cognitivo, o humor, mas não apenas pelo cognitivo, como afirmou Bergson (*apud* SALIBA 2002), a essência do riso e do cômico não reside apenas no terreno do cognitivo, mas no terreno da sociedade.

*Para compreender o riso, impõe-se no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se, sobretudo, determinar-lhe a função útil, que é uma função social. Digamo-lo desde já: essa será a ideia diretriz de todas as nossas reflexões. O riso deve compreender a certas exigências da vida comum. O riso deve ter uma significação social (BERGSON *apud* SALIBA 2002, p. 22).*

O riso tem uma função social, como afirmou Saliba (2002), rimos para estabelecer os elementos vivos que compõem a própria sociedade. A essência do risível encontra respostas na sociedade e não na natureza humana. Mesmo assim, a angústia proveniente da metafísica é a possibilidade de percebermos que não existe nenhum sentido nas coisas que conhecemos; descobrir a realidade é para quem tem coragem de enfrentar as incertezas, mesmo que elas venham recobertas pela máscara do humor. Em outras palavras, o humorista *stand up* é audacioso, porque foge da explicação óbvia da realidade e confecciona uma visão particular, às vezes absurda, para compreender a coisa em si, da sua existência, tudo fruto da sua subjetiva e criativa forma abstrata de enxergar o que está além da coisa apresentada, tentar entender a coisa em si pelo absurdo, confeccionar teorias desprovidas de sentido aparente para sustentar uma explicação além do observável. Não existe a pretensão de dar cabo do real, mas as observações, absurdas que sejam, têm a

função de abrir caminhos para o entendimento de algo às vezes ininteligível, mesmo para um observador social atento.

A filosofia primeira deixa claro que é preciso pensar diferente. Sair do habitual é condição *sine qua non* para o estudo da metafísica. Talvez um resgate do entendimento do ser pelo absurdo, pelo inesperado, pelo humor retrate e questione a existência e a sociedade.

O stand up comedy

Comédia em pé, na tradução do inglês, é uma modalidade de comédia que, segundo Léo Lins (2009), teve suas origens nos mestres de cerimônia, mais especificamente no mestre de cerimônia inglês Philip Astley, em 1770, ao inaugurar o Astley's Royal Amphitheatre of Art, que pode ter sido o primeiro circo do mundo e, desde então, com o aparecimento de circos, boates, cabarés, etc., os mestres de cerimônia faziam intromissões rápidas entre os números e contavam piadas para animar os *shows*. Ainda, segundo as pesquisas históricas de Lins (2009), foi na primeira metade do século XX que grandes personalidades do rádio norte-americano, como Bob Hope, abriam seus *shows* "fazendo piadas sobre as coisas do dia a dia" (p.14). Contudo, apenas na década de 50, o *stand up comedy* assumiu sua forma atual, fazendo monólogos envolvendo observações políticas, sociais, comportamentais, etc. No Brasil, José Vasconcellos, Chico Anysio, Jô Soares entre outros se utilizavam do formato *stand up comedy* nos seus *shows* de humor. Léo Lins (2009) afirmou acreditar que, somente agora, no século XXI o *stand up comedy* tem sua mais pura forma no Brasil.

O *stand up comedy* é um espetáculo de humor no qual o comediante se apresenta sem figurino, cenário, ou qualquer recurso teatral, apenas em pé e com um microfone na mão, e, de forma analítica, relata suas percepções do cotidiano e, segundo as perspectivas de Lins (2009), tem como maior distintivo seu caráter crítico e verdadeiro. O *stand up comedy* pode ser proposto como um fenômeno de entretenimento no Brasil desde o final dos anos 1990, substituindo até a tradicional voz e o violão nos bares e restaurantes boêmios de todo o Brasil, o que mostra sua força de difusão popular. Tal modalidade de humor se difere das piadas ou anedotas tradicionais, busca um cenário mais atual do cotidiano para desenvolver as sátiras do comportamento humano e tem sua comicidade ao ilustrar algo que é comum e conhecido pelo interlocutor, que se utiliza apenas de uma distorção cômica. "As pessoas dão risada porque se identificam de imediato com as histórias." (ADNET, 2011). Uma reportagem da revista *Veja* descreve essa relação popular do humor coloquial:

Não, você não vai ouvir as manjadas anedotas de loira, de papagaio ou de português. A graça está, basicamente, em

satirizar fatos do cotidiano: trânsito, filas de banco, relacionamentos, notícias, a rotina dos aeroportos... Sem se esconder atrás de um personagem, os humoristas lançam mão de frases de efeito, momentos de silêncio, caretas e boas doses de improviso. E haja fôlego: a média é de uma piada a cada 15 segundos! "A linguagem é acessível e ágil", afirma Marcelo Adnet, apresentador da MTV e um dos cabeças do coletivo Comédia ao Vivo (São Paulo, "Comédia Stand up lota bares e teatros", 03/12/2008).

O humor *stand up* se difere de todas as outras modalidades de *shows* humorísticos por carregar a indelével propriedade de versar sobre a vida coloquial, sobre os mais prosaicos acontecimentos sociais, e tem sua legitimação no reconhecimento dos que assistem a ele e riem dos relatos do humorista. Lins (2009) afirmou que a piada contida na comédia *stand up* "distorce levemente a realidade, mas às vezes, simplesmente falar a verdade é o suficiente, desde que o público se identifique" (p. 31).

A comédia *stand up* é praticada nos USA e no Brasil por atores e humoristas famosos e consagrados pela opinião pública, dando a essa modalidade de humor um *status* elevado, sendo praticado densamente nas grandes cidades e em vários níveis sociais, dos mais luxuosos e caros, com humoristas famosos nos bares e restaurantes mais requintados a barzinhos do subúrbio. É uma divertida e criativa forma de fazer a leitura antropológica da cultura contemporânea em diversos níveis socioeconômicos.

Fernando Caruso (2009) em seu livro *Comédia em pé, o livro* descreveu regras que estabelecem as características do gênero, segundo ele, baseado no livro homônimo da atriz norte-americana Judy Carter *Stand up Comedy, the book*. Para Caruso (2009), algumas normas devem ser rígidas para caracterizar o *stand up comedy*, por isso usaram o termo "dogmas", numa alusão a certa inexorabilidade de regras enumeradas em seu livro:

1 – O comediante só pode se apresentar sozinho. Jamais em dupla ou grupo.

2 – Só é permitido se apresentar com texto próprio. Não pode usar piadas que já caíram em uso popular ou foram recebidas pela Internet. Muito menos usar aquele truque muquirana de contar a anedota como se o fato tivesse acontecido de verdade, tipo "eu tenho um tio português..."

3 - Não pode fazer personagem. Também não vale transformar a si mesmo em personagem ou usar figurinos engraçados. Use roupas que você usaria normalmente, no dia a dia.

4 – Evitar contar casos. O material deve ser preferencialmente de tópicos de observação.

5 – *Deixar bem clara a persona de cada um. Não tente fingir ser quem você não é. Seja você mesmo, sempre. Se você é mal-humorado, seja assim no palco, por exemplo. E se em determinado dia você estiver de saco cheio, assuma; se estiver eufórico, idem; assuma o seu estado diante da plateia. Aliás, é importante também tentar trazer sua rotina pro mais perto de você o possível. Se o comediante for judeu, em algum momento fale de judeus, se for gay, fale sobre gays, se for nerd, fale sobre ser nerds, etc.*

6 – *Não é permitido o uso de trilha sonora ou qualquer tipo de sonoplastia.*

7 – *Não é permitido fazer nenhuma marcação de luz. Use apenas a iluminação básica do palco.*

8 – *Não é permitido o uso de cenografia ou adereço.*

9 – *Os comediantes podem e devem testar material novo diante da plateia. Vale desde improvisar tendo apenas o tópico em mente até ler as piadas, caso elas não estejam decoradas ainda.*

10 – *Não forçar a barra. Se você tem apenas cinco minutos de material, faça uma apresentação de cinco minutos e saia. Tudo bem. Não enrole. As apresentações, aliás, serão sempre de 5, 10 ou 15 minutos (CARUSO, 2009, p. 9;10).*

Efetivamente, ao contrário do que afirmou Caruso (2009), tais princípios não são normas regulares, ou leis, como disse o comediante Bruno Motta em seu *site* na Internet, “não há um ministério da comédia *stand up* que proíba esta ou aquela maneira de fazer”¹, contudo são diretrizes aplicáveis e delineadoras do gênero e por essas diretrizes podemos perceber sua distinta forma de perceber o meio, a cultura e a sociedade ironizadas, Gonzaga (in CARUSO, 2009, p.14) reafirma esse conceito assim:

Defendo a ideia de que o comediante precisa de uma vida normal: andar de condução, enfrentar filas de banco, ir a supermercados, shoppings, estádios de futebol. Ver televisão, ouvir rádio (preferencialmente AM) e principalmente estar com o número mais variado de tipos de pessoas. Acho que o comediante precisa viver. Quando fica longe disso, ele perde a sua fonte. Tudo que escrevi eu colhi na rua.

A afirmativa de Gonzaga (*ibidem*) corrobora com a teoria deste trabalho de que o comediante *stand up* é um etnógrafo que, por meio do deboche, da crítica, da sátira, faz uma análise social, e ele, de forma caricata, esquematiza o meio em que vive e descreve

¹ Disponível em: < <http://www.brunomotta.com.br/standupcomedy/> > Acesso em: 15 de dezembro de 2011, às 21:50

características, tendências e faces, às vezes, ininteligíveis para o mais experiente etnógrafo acadêmico.

Lins (2009 p. 16) concluiu: "Entre as principais características do *stand up comedy* estão seu caráter crítico e verdadeiro. O humor sempre foi umas das formas de fazer críticas à sociedade, sejam críticas políticas, sociais... E com o *stand up* não é diferente".

Humor e realidade

Cathcart & Klein (2008) acreditam que a construção e a recompensa dos conceitos filosóficos e do humor são feitos da mesma matéria, ambas estimulam a mente de forma similar, isso porque o humor, assim como os conceitos filosóficos, são os impulsos que perturbam e agitam o mundo superficialmente observável e trazem à tona verdades ocultas sobre a vida, que, segundo esses autores, muitas vezes são incômodas.

O humor é elaborado na porção mais complexa e refinado do ser, não tem ligação, pelo menos aparente, com o instinto humano primitivo de sobrevivência. O humor se reproduz para dar prazer intelectual e tem total identificação com a cultura e a realidade que o indivíduo vive. Na síntese freudiana, o humor tem a função de dar prazer e superar as dores da realidade, colocando-se acima delas:

As piadas têm como objetivo principal propiciar prazer aos que se reúnem para compartilhá-las. Já o humor é o meio de se obter prazer apesar dos afetos dolorosos que se apresentam nas situações em que ele emerge. Assim, a produção e a fruição do prazer é uma característica essencial dessas formações psíquicas carregadas de comicidade (FREUD Apud KUPERMANN 2010, p. 39).

486

O humor tem sua fruição perante as produções sociais e culturais, o homem, como buscador incansável de prazer, procura no que lhe é familiar as inspirações para produzir humor e consequentemente prazer, e para ser cômico ou engraçado deve, invariavelmente, ser familiar e real para ele, quando algo é antropomórfico e socialmente íntimo, como os animais que agem ou se caracterizam como humanos socialmente contextualizados. Se um cachorro usa chapéu ou óculos, se torna divertidamente reconhecível pela sua aparência civilizada, da mesma forma um papagaio quando pronuncia uma palavra ou reproduz uma frase que tem sentido real. Os exemplos citados formularam uma realidade lúdica e genérica do ser humano social, contudo, em proporções relativas, um humor extremamente crítico ou erudito, que exige do interlocutor uma bagagem de conhecimentos históricos, filosóficos, etc. pode ser totalmente sem graça quando apresentado para um grupo de indivíduos de baixa polidez intelectual e vise-versa, não há familiarização, e familiarização é realidade percebida.

É familiar porque é tangível, tem o sentido de realidade vivida e perpetrada, os valores culturais têm a mesma força diante do poder

social, ou seja, o que percebemos como normal é determinado pela forma como a sociedade exerce seu controle, o que é certo ou errado, quem é normal ou anormal, o que é moral ou imoral. Essa realidade relativa dos valores foucaultianos é ilustrada pela piada de Cathcart & Klein (2008 p.204)

Pat: Estou ligando da estrada com meu celular novo.

Mike: Tome cuidado, Pat. Acabaram de falar no rádio que tem um maluco dirigindo na contra-mão dessa estrada.

Pat: Um maluco? Eu diria que são centenas!

É risível porque existe uma compreensão unívoca do que foi estabelecido pelo estado, ou seja, uma realidade vivida por Mike e perpetrada pelo estado de que direção seguir. O humor está indissociavelmente ligado à realidade do humorista e de quem assiste a ele e só é risível por construir cenários e cenas que confrontam os valores e símbolos culturais dentro de um contexto de assimilação. Leo Lins (2009) ponderou que o risível normalmente é a observação crítica e criativa do cotidiano produzindo identificação com o público que assiste a ele. Para ilustrar tais afirmativas, destacamos uma piada de *stand up* que produz identificação criticando o sistema de saúde privada:

Recebi a conta de hospital. Seis mil e duzentos reais. Só de material... material, não é remédio! Fralda, sabonete, algodão... essas coisas. Só de material foram 800 reais. Como um velhinho de 85 anos pode gastar 800 reais de algodão? Estavam embalsamando meu pai? O que mais me espantou é que de honorários médicos forma 300 reais. Quer dizer, melhor ninguém estudar para ser médico. É melhor estudar para ser algodão (GONZAGA in CARUZZO, 2009 p. 27,28).

A piada só se sustenta porque o episódio criticado tem embasamento real. Normalmente, como na Antropologia científica também, a piada se utiliza da comparação para ressaltar características próprias de uma cultura:

O Japão é um país superseguro. Isso é impressionante. Você deixa seu laptop na rua, você volta e ele tá lá e ainda instalaram o Windows nele. É claro que sempre tem uns caras preocupados que falam: cuidado, o Japão é perigoso. Eu falei: querido, eu moro no Rio de Janeiro, lá se eu andar sem camisa me roubam os mamilos. [...] Lá tem sinal de pedestre que nem aqui, mas lá, querido, se o sinal de pedestre não abre, ninguém anda. Não importa. Duas da manhã, nenhum carro na rua, ficam quarenta japoneses de cada lado. Eles ficam parados até o sinal abrir. E às vezes você tá com pressa, quer atravessar, fica meio impaciente, você afinal de contas é brasileiro. E você fica meio: vambora, Japão,

claramente não tá vindo ninguém. A vontade que dá é empurrar e pronto, virou São Paulo. Mas você não atravessa. Se você atravessa tem sempre alguém pra falar: alá, só podia ser brasileiro, alá. Fodendo a cultura milenar, alá. Eu até atravessava no sinal vermelho, mas eu dizia: Perdón, yo soy de Argentina, perdón (PORCHAT in CARUZZO, p.48).

Essa piada explora ironicamente, por meio de comparação com outra cultura, a falta de educação do paulistano e ainda exterioriza a rivalidade com os argentinos.

Lins (2009 p. 31) ponderou que a "piada distorce levemente a realidade, mas às vezes, simplesmente falar a verdade, é o suficiente, desde que o público se identifique", nessa afirmativa reside, sucintamente, a realidade percebida e compartilhada por uma sociedade. Lins (2009, p.35) explica: "É claro que quanto mais próximo da realidade das pessoas presentes no público, mais engraçado é.". O autor ilustra essa afirmativa com o exemplo do discurso de outros humoristas *stand up*:

Luiz França aborda os problemas causados por motoboys de São Paulo, Hélio Barbosa fala sobre o fracasso de seu casamento. Todos estes temas geram identificação por parte do público. Falar sobre seu ciúme dos esquiadores dos jogos de inverno, realizado em Aspen, dificilmente vai ter o mesmo nível de conexão com a plateia (p. 36).

Em suma, o humor, em especial o *stand up*, está visceralmente ligado à realidade vivida pelo humorista e pelos seus espectadores, dentro de uma atualidade abordando de forma crítica e verdadeira tudo que podemos considerar grandioso o prosaico dentro de uma determinada cultura.

A rebeldia libertadora do humor

O dicionário de filosofia (ABBAGNANO, 2007, p 180) explica que "no cômico é eliminado o imperativo moral dos códigos institucionais (situações, papéis, máscaras sociais)", ou seja, o humor ultrapassa o limite do politicamente correto e infiltra-se no cerne dos problemas que molestam a sociedade. O psicanalista Daniel Kupermann (2003) assinala que a "transgressão autorizada" que reside na piada suspende a repressão e o recalque social, permitindo que se tenha uma satisfação pulsional ao mesmo tempo em que se reforçam os laços sociais. Tomando também a proposição de Kupermann (2003) de que "transgressão e lei estão originalmente associados no momento do nascimento da cultura" (p.22), deduzimos que o humor como transgressão autorizada é imanente ao processo cultural. O autor ainda reforça que o caráter rebelde característico do humor se opõe à resignação do sujeito perante as adversidades do real e os imperativos sociais.

Quando Freud (1927, p.166) afirmou que "O humor não é resignado, mas rebelde", percebemos que o humor ultrapassa a barreira do politicamente correto em busca da libertação do que realmente habita nos anseios individuais e, conseqüentemente, sociais. O humor rebelde é fruto das resenhas individuais que só fazem sentido quando compartilhadas e compreendidas pelo outro, o humor não teria sua ênfase cômica se não rompesse com o politicamente correto, se não fosse além do superficialmente observável; no burlesco o humorista compreende a verdadeira percepção que ele, como ator social, tem da sua realidade.

Considerações

O humor, aparentemente, não está no *hall* da lista dos objetos mais estudados pelas ciências rigorosas, por talvez não produzir uma preleção credível, ou talvez por causa da rigidez gnosiológica que exclui o riso das ciências humanas e sociais. O cômico foi percebido por Aristóteles como um engano, algo irracional, uma imitação de homens ignóbeis. Kant acreditava que o cômico não tinha nada de jubiloso para o intelecto, e Platão, o maior responsável pela proscrição do riso no desenvolvimento intelectual, afirmou que o rigor do pensamento e a profundidade intelectual não podem ser distanciados pela alegria efêmera causada pelo riso. Platão era conhecido com o filósofo que não ria. Com o julgamento de pensadores como Aristóteles, Platão e Kant, como algo a ser rejeitado pelo homem racional, o humor não teria mesmo uma carreira acadêmica muito promissora. Contudo, os esforços deste desprezioso trabalho mostraram que há, sim, algo de prolífico e profícuo por trás dos códigos humorísticos o qual pode revelar características culturais, às vezes, invisíveis.

Se pela sensível afirmativa de Geier (2011, p.11) "de que o riso humano pertence às coisas mais belas do mundo, se as compreendermos do ponto de vista da práxis da vida", podíamos, sem dúvida, iniciar uma linha teórico-metodológica da Antropologia. Argumentos não faltam para conectar, de forma científica, a relação da experiência construída na realidade com as piadas contadas pelos seus humoristas *stand up*. Pode-se assegurar que o humor *stand up* é em essência o "pensamento do homem sobre o homem". O humorista *stand up* é o sujeito observante, e o objeto observado é contemplado por meio das suas experiências vivenciadas, que se legitimam, ou tomam forma de "real", quando o interlocutor, ou a plateia concorda em forma de risadas. O riso é um produto exclusivo do homem, fruto de suas produções simbólicas e intelectuais. Segundo o *Guia dos curiosos*, a risada é resultante da inteligência humana e do contexto social que se insere e, não, um fenômeno biológico.

As risadas são reações comportamentais que envolvem componentes emocionais e cognitivos (relacionados à

inteligência). Diante de determinados estímulos, algumas áreas do cérebro entendem as situações como engraçadas e uma resposta motora é desencadeada. Para que ela aconteça, contraem-se o diafragma, a glote e parte da musculatura facial (p.86).

O humor é o mais requintado produto do intelecto humano na sua perene arte de produzir prazer, é a forma de libertação da opressão do real, justamente por criticá-la e se colocar acima dela. É a maneira como a sociedade se expressa para demonstrar suas insatisfações, inquietações, é a forma mais pragmática de fugir do politicamente correto na busca da liberdade da alma. Luiz Felipe Pondé (2010, p.64) disse: "Um dos traços bregas da nossa época é supor que se pode ter vida moral sendo feliz. A hipocrisia do cristianismo de outrora hoje habita a casa da praga do politicamente correto." Sua catártica afirmativa revela a impossibilidade de ser feliz controlando suas vontades primitivas, seus instintos e desejos humanos em nome de uma conduta específica, ou seja, o comportamento observável efetivamente não é a expressão da realidade sentida. Há um véu sobre a essência do desejo, e o que se observa do comportamento humano em sociedade não é o retrato fiel das suas emoções e desejos, mesmo que a vida contemporânea liberal incentive a liberdade individual na sua forma mais primitiva, o coletivo nem sempre pode ser analisado na sua verdadeira essência. Pondé (2010) concluiu que vivemos uma vida superficial e que "Somos escravos da felicidade, mas é a infelicidade que nos torna humanos" (p.65). Como podemos ter certezas sobre determinada cultura se o que se observa quase sempre é o simulacro, é o imagetivamente apresentável? Onde todos estão presos aos comportamentos coletivos aceitáveis, ou politicamente corretos? O politicamente incorreto tem muito a revelar sobre a essência, as angústias e as inquietações de uma sociedade, e o humorista *stand up* pode ser a janela para essas descobertas, onde nas teorias da psicologia social reside em um enfoque sobre a relação indivíduo-cultura, denominada cultura na mente ou narrativa dos atores culturais, essa é uma proposta que supõe um conjunto de interpretações ou narrativas das atividades do sujeito em seu cotidiano, ou seja, modos de pensar, ações e intenções que ilustram um processo autobiográfico de vários autores. Em suma, uma leitura social proveniente dos seus atores para desenhar uma cultura específica (BONIN *in* STREY, 2010).

Kupermann (2003, p.360) afirmou que "os humoristas – profissionais ou leigos- fazem incidir seu doce veneno sobre os pontos cegos do próprio campo psicanalítico". Podemos plagiar sua afirmativa concluindo que os humoristas também fazem incidir seu doce veneno sobre os pontos cegos do campo antropológico, o que pode ser reforçado pela afirmativa de Judy Carter (*apud* Lins 2009, p. 36) de que "você tem uma fonte inesgotável de material: sua

vida”, ou seja, seu cotidiano lhe fornece temas e motivos para escrever as piadas que vão construir seu ponto de vista sobre os pontos cegos da sociedade.

O humor *stand up* se difere das outras formas de humor por tratar essencialmente de questões políticas, sociais ou prosaicas de forma particular, íntima e crítica, sem censuras ou vínculos institucionais midiáticos. O humor *stand up* tem atributos que o habilitam a fornecer dados credíveis sobre determinada sociedade a ponto de confeccionar uma identidade nacional, ao contrário de outras formas de humor industrializado. Por meio dos relatos dos humoristas *stand up*, essa forma de humor tem compromisso com a realidade, como assume Lins (2009, p.42): “O *stand up* não tem que ser verdadeiro? Sim ele tem que ser verdadeiro, mas você não vai mudar de opinião em relação a um assunto, você apenas vai mudar a forma de olhar aquele assunto, para descobrir algo engraçado”.

Podemos concluir que o humor, especificamente o *stand up*, deposita seus esforços ao buscar aspectos sociais, remexendo em detalhes que causam inquietação ou desconforto, sempre comprometido com uma contextualização sociocultural. O livro de Leo Lins, *Notas de um comediante Stand up* é a confirmação da organização metódica e rigorosa do humor pela observação social. Nesse livro, é exposto todo o complexo que envolve tal investigação, da coleta do “material”, ou seja, dos aspectos sociais, à construção da piada e à contextualização com o público. O esforço desse e de outros livros feitos para o humor *stand up* e pelo humor *stand up* reafirmam a tese de que esse humor rompe com o simplista, burlesco e ridículo, buscando uma análise social sofisticada que encontra na comicidade sua forma de difusão.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CARUSO, Fernando (Org.). *Comédia em pé, o livro*. Rio de Janeiro: Mirabolante, 2009.
- CATHCART, Thomas; Daniel KLEIN. *Platão e um ornitorrinco entraram num bar...* Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- FREUD, Sigmund. *O humor*. Rio de Janeiro: Imago, 1927.
- GEIER, Manfred. *Do que riem as pessoas inteligentes?* Rio de Janeiro: Record, 2011.
- KUPERMANN, Daniel. *Ousar a rir, humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- LINS, Léo. *Notas de um comediante stand-up*. Curitiba: Nossa Cultura, 2009.
- PONDÉ, Luiz Felipe. *Contra um mundo melhor*. São Paulo: Leya, 2010.
- REZENDE, Cláudia Barcellos; Maria Cláudia COELHO. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

STREY, Marlene Nevs (Org.). *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2010.

Abstract: Historians like Thomé Elias Saliba believe that humor Brazil reflects the lack of identity in Brazil, but this study suggests that depends on the type of humor that evaluates to realize a national identity, humor industrialized and made for mass consumption, as "Zorra Total", "A praça é nossa" "Pânico na TV" and others, really are not characterized by bringing itself a criticism, whatever. They are reproductions of human stupidity. In contrast, the mood produced by stand-up comedy stages a refined analysis of society and exposes hidden truths of a culture under the veil of humor. The proposal is to realize the humor stand up as a possible theoretical and methodological line of Anthropology, Anthropological being an efficient tool capable of bringing to light sociocultural characteristics of difficult perception.

Keywords: humor, standup comedy, research methodology